



## A ESCRITA DA VULGATA PARA ALÉM DE JERÔNIMO DE ESTRIDÃO: TRADIÇÃO, INOVAÇÃO E DIFUSÃO

## THE WRITING OF THE VULGATE BEYOND JEROME OF STRIDON: TRADITION, INNOVATION AND DIFFUSION

**ANDRÉIA ROSIN CAPRINO TABORDA <sup>1</sup>**

**Universidade Federal do Paraná**

### **RESUMO**

De maneira geral, quando se fala sobre a Vulgata de Jerônimo, é pensado em um texto coeso, único, elaborado a um só tempo e apenas por este autor. Também se imagina que ela se constitui em uma das principais bases textuais para traduções modernas da Bíblia em diferentes línguas latinas - incluindo o português - como se houvesse ocorrido uma transmissão direta do texto latino dos séculos IV e V ao mundo contemporâneo. O presente artigo tem como objetivo relativizar essa colocação, apontando que a Vulgata se trata, contudo, de iniciativas realizadas ao longo de séculos por diferentes autores, desde antes de Jerônimo, as quais foram reunidas e estruturadas em época muito posterior. Para tanto, utilizaremos bibliografia pertinente à análise.

**PALAVRAS-CHAVE: VULGATA; JERÔNIMO DE ESTRIDÃO; COMPOSIÇÃO.**

### **ABSTRACT**

Generally speaking, when talking about Jerome's Vulgate, it is thought of as a cohesive, unique text, all written at the same time and only by this author. It is also thought to constitute one of the main textual basis for modern Bible translations in different Latin languages - including Portuguese, as if there had been a direct transmission of the Latin text from the fourth and fifth centuries to the contemporary world. This article aims to relativize this assumption, pointing out that the Vulgate is indeed about initiatives carried out over the centuries by different authors, some of which preceded Jerome, and whose works were gathered and structured at a much later time. For such, we will use bibliography pertinent to the analysis.

**KEYWORDS: VULGATE; JEROME OF STRIDON; COMPOSITION.**

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e membro do Núcleo de Estudos Mediterrânicos (NEMED) da UFPR. E-mail: andreiarosincaprino@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Jerônimo de Estridão (347 d.C. - 419 d.C.) é conhecido como São Jerônimo pela Igreja Católica, padroeiro de todos os que se dedicam ao estudo da Bíblia. No dia 30 de setembro, data da sua morte, comemora-se por esta instituição o dia da Bíblia. No campo da Teologia, Jerônimo aparece como doutor e um dos pais da Igreja do Ocidente, ao lado de outros grandes nomes como o de Agostinho de Hipona, Ambrósio de Milão e Gregório Magno. Essa fama deve-se sobretudo à ideia propagada de Jerônimo ter produzido a Vulgata, Bíblia escrita em latim nos séculos IV e V, utilizada desde então pela Igreja, e posteriormente traduzida para línguas modernas.

Tal afirmação não está totalmente equivocada, mas é simplista. Sendo assim, intencionamos demonstrar a complexidade que envolve a produção do que ficou conhecido como a Vulgata de Jerônimo, aliada à tradição de escrita e tradução bíblica e a alguns desdobramentos que a versão jeronimiana proporcionou. Para isso, apresentaremos o contexto deste autor e as motivações que o levaram a redigir a Vulgata, apontaremos a tradição de tradução bíblica na qual ela está firmada e analisaremos o alcance e as limitações desta obra.

## JERÔNIMO E A SUA TRAJETÓRIA ATÉ A VULGATA

Sofrônio Eusébio Jerônimo (em latim, *Sofronius Eusebius Hieronymus*) nasceu aproximadamente no ano de 347 da nossa era em Estridão, na fronteira entre a Panônia e a Dalmácia. Os seus pais eram cristãos e o ensinaram a doutrina apostólica, mas ele converteu-se ao cristianismo apenas anos mais tarde. Os seus progenitores eram financeiramente abastados e puderam, desse modo, enviar o jovem Jerônimo para estudar em Roma (estima-se que em 354), local renomado em que se ensinava, entre tantos conhecimentos, gramática, retórica e filosofia. Foi ali que estudou os clássicos, especialmente os latinos<sup>2</sup> com o renomado gramático Donato. Neste espaço, também, conviveu com figuras importantes, como o amigo e, paradoxalmente, futuro rival, Rufino de Aquileia<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> O conhecimento que Jerônimo possuía dos clássicos latinos era impressionante. Em diversos trabalhos seus, incluindo as suas *Cartas*, existem muitas citações de diversos autores latinos, como Virgílio, Cícero e Horácio. Tal presença constante dos antigos latinos nos escritos jeronimianos demonstra a convivência entre cristianismo e “paganismo”, no sentido de que as ideias e visões de mundo entre ambos não eram totalmente antagônicas e dissociadas. Mesmo que o próprio Jerônimo se recriminasse por seu passado considerado pagão e amor demasiado aos autores antigos, a influência deles perdurou ao longo de toda a sua vida autoral alinhada às perspectivas cristãs.

<sup>3</sup> O embate que se deu entre Jerônimo e Rufino décadas mais tarde foi no tocante à tradução feita por cada um deles do *Peri Archôn* ou *Tratado sobre os Princípios*, de Orígenes, erudito cristão alexandrino que viveu no século III d.C. e influenciou a literatura e teologia cristã posterior, para concórdia e discórdia em relação às suas ideias.

Ao fim da sua primeira estadia em Roma, recebeu de Libério o batismo na religião cristã quando possuía por volta de 19 anos. Em seguida, foi para a Gália, onde conheceu monges e entrou em contato com a vida ascética, que lhe causou grande interesse, tanto que nas últimas décadas da sua vida Jerônimo viveu e atuou como monge em Belém (final da década de 390 até 419). Contudo, vivenciou o estilo ascético já antes desse período; depois de passar pela Gália, encaminhou-se à Aquileia, onde desfrutou da companhia de outras pessoas que seguiam o ascetismo, entre elas estava, mais uma vez, Rufino.

Quando resolve fazer uma peregrinação a Jerusalém por volta de 373, sofre de doença e permanece em Antioquia, onde entrou em contato com o bispo de Laodiceia, Apolinário, ouvindo os seus discursos, e aprendeu o grego. Durante os próximos anos (375-378) viveu no deserto de Cálcis, a leste de Antioquia. Nesse lugar, iniciou o aprendizado da língua hebraica com um monge judeu. Assim estava se formando o tripé linguístico que o capacitaria a realizar as obras de tradução: o grego, o hebraico e o latim, sua língua natal. Entre vários trabalhos linguísticos, Jerônimo traduziu a *Crônica* de Eusébio de Cesareia<sup>4</sup> e muitas homilias de Orígenes, ambas do grego ao latim, além da própria *Vulgata*, na qual trabalhou com as três línguas. Em Antioquia o erudito foi nomeado presbítero por Paulino, contudo parece nunca ter cumprido tal função<sup>5</sup>. Em seguida deslocou-se para Constantinopla (380), importante espacialidade em sua trajetória. Conheceu Gregório Nazianzeno através dos seus sermões e tornou-se amigo de Gregório de Nissa. Foi ali que atuou como tradutor de Orígenes e Eusébio<sup>6</sup>.

Mas é em Roma que propriamente inicia a tradução da *Bíblia* (como hoje nomeamos) ao latim, trabalho que continuará até os primeiros anos da década de 400, completando *Antigo* e *Novo*

---

<sup>4</sup> Eusébio de Cesareia foi um bispo influente e escritor fecundo que viveu no século IV d.C. na parte oriental do mundo romano. Realizou a primeira história eclesiástica e a primeira crônica cristã universal, tendo esta última sido traduzida e continuada por Jerônimo décadas mais tarde.

<sup>5</sup> Na epístola da obra jeronimiana de número 51, capítulo 1, Epifânio, bispo de Salamina, escreve para João, bispo de Jerusalém: “Vi que o mosteiro continha um grande número de irmãos reverendos, e que os reverendos presbíteros, Jerônimo e Vincent, por modéstia e humildade, não estavam dispostos a oferecer os sacrifícios permitidos para o seu posto, e para trabalhar naquela parte do seu chamado que ministra mais do que qualquer outro para a salvação dos cristãos”.

<sup>6</sup> O trabalho de Jerônimo como tradutor é extenso e sobrepassa essa fase em Constantinopla. De Orígenes, traduziu 14 homilias sobre Jeremias, 14 sobre Ezequiel – estas em Constantinopla, 2 sobre Cântico dos Cânticos para Dâmaso, 39 sobre Lucas para Paula e Eustóquio - estando já em Belém, em 390, 8 sobre Isaías depois de 392 e 4 livros Sobre os princípios em 398 para combater o ex-amigo Rufino (a tradução se perdeu). De Eusébio de Cesareia traduziu a segunda parte da Crônica, continuando, também, a sua escrita, e o Onomasticon. De Dídimo (318-398), um provável mestre seu, fez a tradução do escrito Sobre o Espírito Santo no ano de 392. Em 404, traduziu as Regras monásticas de Pacômio (fundador do monaquismo cenobita), Teodoro e Orsiésio. Há, ainda, outros trabalhos de tradução. (ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 399).

*Testamento*<sup>7</sup>. Em 382 Jerônimo é chamado - possivelmente pelo bispo Dâmaso - para participar de um concílio em Roma a respeito da controvérsia meleciana; junto a ele estavam Paulino de Antioquia e Epifânio de Salamina. Além desse importante evento, o bispo o convida para ser o seu secretário, papel que desempenha deste ano até 385, quando Dâmaso falece e a sua posição se torna insustentável em Roma, já que ele não era bem-quisto por seus posicionamentos contundentes. Assim, abandona o local e dirige-se definitivamente às terras orientais, mais especificamente, a Belém, onde, além de viver vida monástica, produz muitos e diferentes escritos: as cartas, a tradução bíblica, obras polêmicas, entre outros. “De fato, esse Padre da Igreja se distinguiu dos demais Pais do Ocidente pela experiência prática monástica que teve no Oriente...”<sup>8</sup>.

Retornando aos anos nos quais viveu em Roma (382-385/86), por meio do convívio com o bispo Dâmaso, surge uma profunda amizade entre os dois, da qual atestam as epístolas de Jerônimo 15,16,18 a, 18 b, 19, 20, 21, 35 e 36. Durante esse período, Dâmaso pede para que Jerônimo revise os textos dos *Evangelhos*, iniciativa que se amplia, por vontade própria, para todo o *Novo Testamento* e, posteriormente, quando já se encontrava em Belém, para o *Velho Testamento*.

Durante esse intervalo de vivência romana, Jerônimo interagiu intensamente com um grupo de mulheres da aristocracia de Roma, com as quais realizava uma espécie de discipulado, ensinando-lhes as *Escrituras* e a respeito do bem agir cristão. Destas, destacam-se Marcela, Paula e sua filha Eustóquio. Com elas Jerônimo trocará cartas ao longo dos anos seguintes, além de trabalhar em conjunto com Paula, em Belém, abrindo monastérios. Foi devido às críticas que fez sobre os abusos do clero romano, relatos que constam na carta 22 endereçada a Eustóquio, que o autor foi combatido após a morte de Dâmaso, além de tornar-se alvo de suspeitas por conta da amizade com as mulheres romanas<sup>9</sup>.

Com relação ao cristianismo em tal conjuntura histórica, até o ano de 313 suas reuniões e cultos eram proibidos; nessa data os imperadores Constantino e Licínio proclamaram o Edito de Milão, através do qual a liberdade para essas atividades foi concedida aos cristãos, assim como para a construção de templos, além da devolução de bens confiscados dos cristãos por parte do poder

---

<sup>7</sup> As denominações “Antigo” e “Novo Testamento” são cristãs. O “Velho” se refere ao antigo pacto mosaico pautado na Lei, no qual o povo de Deus o obedeceria e demonstraria a sua fidelidade a Ele através da obediência à lei da aliança. O “Novo” faz alusão a uma nova forma de aliança entre Deus e o seu povo, agora chamado de “igreja”, que substitui a antiga; nesse novo testamento, a fidelidade e prova de pertença da igreja a Deus apresenta-se sob o reconhecimento de Jesus Cristo, filho de Deus, como Senhor e Salvador. A Carta de Paulo aos Romanos é o texto bíblico que melhor explica essa substituição da antiga aliança pela nova.

<sup>8</sup> COELHO, Fabiano de Souza. “Jerônimo de Estridão: asceta, exegeta e controverso”. In *Revista Alétheia de Estudos sobre Antiguidade e Medievo*, 2018, 1, p. 15.

<sup>9</sup> ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. 2. e d. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 395.

público. Em 311, contudo, já se iniciava o processo de liberdade cristã, quando o imperador Galério promoveu um edito de tolerância. A oficialização do cristianismo niceno como religião do poder imperial deu-se em 380, quando o governante Teodósio declarou o Edito de Tessalônica. A situação político-religiosa do espaço romano inverteu-se, agora qualquer manifestação considerada pagã é que passou a ser proibida. Ao tempo em que Jerônimo vivia em Roma na função de secretário de Dâmaso e instrutor das mulheres da aristocracia, portanto, o cristianismo estava dotado de prestígio a nível governamental<sup>10</sup>.

### VERSÕES ANTERIORES À VULGATA DE JERÔNIMO

Comentamos sobre o conhecimento linguístico de Jerônimo, o latim, que possuía desde pequeno, e o grego e hebraico<sup>11</sup>, que adquiriu quando adulto. A importância do hebraico, do grego e do latim na história da *Bíblia* é enorme. O *Tanakh*, *Antigo Testamento* para os cristãos de tradição protestante, foi escrito em hebraico, com exceção de partes dos livros de Daniel e Esdras e um versículo de Jeremias, fragmentos que foram redigidos em aramaico. No século III e II a.C., foram realizadas traduções do *Tanakh* para a língua grega por judeus estudiosos de Alexandria, trabalho que ficou conhecido posteriormente como a *Septuaginta*<sup>12</sup>. Nesta época havia uma confluência das culturas grega e judaica, e muitos judeus moravam, por exemplo, em Alexandria, local de erudição elevada nos estudos de diversas áreas incluindo o conhecimento das *Escrituras Sagradas*.

A “versão grega dos 70”, a *Septuaginta*, foi o escrito sagrado utilizado nos primeiros séculos da era cristã. Os apóstolos utilizaram-na, assim como os eruditos dos séculos imediatamente seguintes, já que o grego era uma das línguas correntes do mundo romano, ao lado do latim. Não obstante, provavelmente para haver um maior alcance dos escritos divinos, a *Septuaginta* influenciou traduções ao latim no século II d.C.; o *Novo Testamento*, elaborado ao longo do século I d.C., também foi versado para o latim na segunda centúria. Existem diversos textos bíblicos traduzidos do grego ao

---

<sup>10</sup> É bom salientar que não existia apenas uma vertente de cristianismo, mas várias. O oficial adotado por Teodósio foi o de vertente nicena, proveniente do Concílio de Niceia de 325, quando a ideia de total igualdade entre Pai e Filho venceu (apenas na teoria) a ideia de subordinação do Filho ao Pai, defendida pelo arianismo.

<sup>11</sup> Dominik Markl expõe, entre outros fatores, a importância do aprendizado linguístico de Jerônimo - especialmente do hebraico - para o sucesso que obteve em produzir sua tradução latina de partes das *Escrituras*. Segundo o autor, após Orígenes, ele foi um dos poucos estudiosos cristãos que conheceu de maneira aprofundada a língua hebraica. MARKL, Dominik. “O que os biblistas podem aprender de Jerônimo: dezesseis séculos após seu falecimento”. Trad. de Anoar Jarbas Provenzi. *Revista Cultura Teológica*. 28, n.97, 2020, p. 11-21.

<sup>12</sup> A *Septuaginta* possui origem lendária que aponta para a produção de traduções empreendidas por 70 ou 72 sábios judeus, sendo que cada um deles teria realizado a sua própria tradução e todas elas seriam idênticas.

latim nestes primeiros séculos; eles formam a *Vetus Latina* ou *Antiga Latina* (também conhecida como *Itala*).

A *Vetus Latina* data por volta do século II d.C, anterior, portanto, à tradução jeronimiana. Ela não se constituía em uma única obra, mas em textos dispersos transmitidos por diferentes manuscritos, que apresentavam muitas vezes, inclusive, distinções textuais. Os seus textos são originários de diferentes localidades e variam entre si quanto à qualidade. Quase todos os textos bíblicos latinos antigos que não fazem parte da *Vulgata* são denominados como *Vetus Latina*<sup>13</sup>. Alexander Fischer afirma a respeito da complexidade da *Vetus Latina*, além de comentar sobre a relação dela com a *Vulgata*:

No seu todo, a *Vetus Latina* foi transmitida de forma bastante fragmentária. Isso se deve ao fato de que, já no início da Idade Média, os textos bíblicos latinos antigos foram em grande parte suplantados pela *Vulgata*. Muitos manuscritos desapareceram ou foram preservados apenas na forma de palimpsestos, ou seja, como folhas de pergaminho que foram raspadas para serem usadas como material de escrita para outros textos [...]. Muitas leituras da *Latina Antiga* ainda foram pelo menos preservadas na margem de manuscritos da *Vulgata*. Fontes importantes para textos da *Latina Antiga* são, com certeza, as citações e alusões bíblicas que aparecem em textos de teólogos da Igreja latina. Entre elas, ganham destaque as citações de Cipriano, que foi bispo em Cartago (falecido em 258), na medida em que, em parte, divergem substancialmente das formas textuais que surgiram num período posterior. Isso leva a pressupor que os textos bíblicos da *Latina Antiga* não apenas representam diferentes traduções, mas também resultam de um contínuo processo de revisão com base em diferentes (!) textos gregos. Estas poucas observações a respeito da transmissão desse texto já mostram que a *Vetus Latina* é um fenômeno multifacetado, cujo estudo é complexo, requerendo, acima de tudo, a participação de especialistas<sup>14</sup>.

Quanto à formalidade da escrita, de acordo com o filólogo Bruno Fregni Basseto, a linguagem utilizada na *Vetus Latina* – o latim vulgar – era associado às classes sociais mais carentes:

O latim, adotado pelo cristianismo em substituição ao grego no século II, é denominado ‘latim cristão’, que se caracteriza por aspectos populares, buscando adaptar-se às condições lingüísticas dos novos convertidos, em sua maioria provenientes das classes sociais inferiores. Essa característica é perceptível na *Itala* ou *Vetus Latina*, com seus numerosos plebeísmos<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 141.

<sup>14</sup> FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 141-142.

<sup>15</sup> BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 173 Apud XAVIER, M. N. “O latim da *Vulgata* e de outras traduções bíblicas em língua latina”. *Língua, Literatura e Ensino*. 2010, 5, p. 221.

Com a expansão do cristianismo logo nos primeiros séculos da nossa era, fazia-se necessário traduzir as *Escrituras* para as pessoas que não conheciam o grego e o hebraico:

Quando a comunidade cristã aumentou, foi necessário adequar os textos à língua que a maioria conhecia, o latim vulgar. Surgiram assim várias traduções da Bíblia, em linguagem adaptada aos destinatários, cristãos latinos incultos. As primeiras datam da segunda metade do século II, com muitos vulgarismos, induzidos, até certo ponto, pela “koiné” do original grego. Note-se que não se trata de traduções em latim vulgar, mas que procura aproximar-se da fala corrente. Mais tarde surgiu o latim eclesiástico, de caráter culto, dos chamados Padres da Igreja, que não deve ser confundido com o latim cristão antigo, encontrado nessas traduções bíblicas<sup>16</sup>.

Existiam também outras versões dos textos sagrados hebraicos que circulavam no mundo romano dos primeiros séculos e que foram utilizadas por Jerônimo posteriormente na elaboração da *Vulgata*, de acordo com Edson de Faria Francisco:

Além da interpretação e opinião rabínica, que Jerônimo levou em consideração, as versões gregas de Áquila, de Símaco e de Teodocião, utilizadas por ele, eram traduções da Bíblia Hebraica para o grego e tais obras surgiram dentro do judaísmo do século II e refletiam, igualmente, a opinião rabínica<sup>17</sup>.

Podemos mencionar, ainda, a existência de outras traduções das *Escrituras Sagradas* na tardo-antiguidade: a copta (feita a partir do século II d.C.), a etíope (século IV d.C.) e a árabe (século VII-VIII d.C.)<sup>18</sup>. Contudo,

Depois da descoberta dos rolos do mar Morto, diminuiu em muito o interesse pelas demais traduções, e a importância delas para a crítica textual como que deixou de existir. Em geral, nas edições críticas do texto bíblico, essas traduções ainda têm, quando muito, uma função suplementar, como uma espécie de agência de controle adicional<sup>19</sup>.

---

<sup>16</sup> BASSETTO, B. F. *Elementos de filologia românica*. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 125 Apud XAVIER, M. N. “O latim da *Vulgata* e de outras traduções bíblicas em língua latina”. *Língua, Literatura e Ensino*. 2010, 5, p. 223, nota 12.

<sup>17</sup> FRANCISCO, E. d. F. “A *Vulgata* e a Bíblia Hebraica: Diálogo entre Cristianismo e Judaísmo”. Comunicação apresentada no *III Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica “Jesus e as Tradições do Antigo Israel” da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica (ABIB)*, PUC, São Paulo, 2008, s/p.

<sup>18</sup> FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 144-146.

<sup>19</sup> FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 144.

## FORMAÇÃO DA *VULGATA* JERONIMIANA

Em 392 Jerônimo escreve uma obra chamada *De Uiris Illustribus*, em que ele faz uma rápida biografia de 135 personagens importantes na história do cristianismo, e a última biografia é a dele próprio. Nela, o autor relata principalmente as obras que produziu, e comenta a respeito da sua versão das *Escrituras Sagradas*: “Eu restitui o Novo Testamento à fidelidade do original grego, traduzi o Antigo [Testamento] do hebraico”<sup>20</sup>. No entanto, após a data dessa obra, ele ainda revisará alguns textos do *Antigo Testamento*. A *Vulgata* foi um dos trabalhos mais notáveis que Jerônimo empreendeu, sendo um esforço de décadas. Sobre a importância e composição da *Vulgata* de Jerônimo, Carlo Nardi sublinha:

A *Vulgata* é na verdade quase a única forma na qual a Bíblia se espalhou, durante mil anos, em todo o Ocidente (...). Da língua da *Vulgata*, em que o latim rústico dos primeiros séculos cristãos se funde com a latinidade hebraizante de São Jerônimo, são derivadas em grande parte as línguas romance (...). Nenhuma outra obra foi transcrita tão frequentemente e de modo tão luxuoso, e a sua história se confunde com a história da paleografia, e simultaneamente representa um dos mais belos capítulos da arte cristã (tradução nossa)<sup>21</sup>.

Esse extrato de Berger comenta sobre o latim rústico que existia em versões das *Escrituras Sagradas* dos primeiros séculos e menciona a “latinidade hebraizante” do mesmo autor cristão, apontando para a formação linguística que compõe a *Vulgata* de Jerônimo: uma espécie de fusão entre as versões latinas rústicas anteriores à sua obra e uma nova versão com base no original hebraico. Na realidade, a composição da *Vulgata* jeronimiana é ainda mais complexa do que essa citação transparece. Yves-Marie Duval afirma que

na quarta centúria os letrados cristãos estavam chocados com a mediocridade formal do texto latino que encontravam. Entre as várias línguas havia estranheza de vocabulário e diferença de sintaxe, e os erros gramaticais e de estilo pareciam a eles indignos da palavra de Deus, sem contar os próprios erros de cópia<sup>22</sup>.

É provável que o erudito de Estridão fosse um desses letrados que o autor francês comenta acima. O texto latino da *Vulgata* de Jerônimo não foi escrito em linguagem vulgar, como costuma-se pensar a respeito da nomenclatura. Na realidade, essa designação foi concedida a partir do século

---

<sup>20</sup>GEROLAMO. *Gli Uomini Illustri*. A cura di Aldo Ceresa – Gastaldo. Biblioteca Patristica. Firenze: Nardini Editore, 1988, p.232.

<sup>21</sup>BERGER, S. *Histoire de la Vulgate pendant les premiers siècles du moyen-âge*. Paris: Librairie Hachette et Ci, 1893, VII, Apud NARDI, C. “Ancora in compagnia di Girolamo: note sull’ambiente, i criteri e la fortuna della *Vulgata*”. *Vivens Homo*, 4. Città Nuova: Firenze, 1993, p. 141.

<sup>22</sup>DUVAL, Y. M. “Jerônimo e a ‘Vulgata’”. In: *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 109.

XVI, pois faz referência a um texto que foi amplamente divulgado na Igreja latina a partir do sétimo século<sup>23</sup>. Duval explica:

Esse nome de Vulgata designa muito mais o êxito e o reconhecimento de uma empreitada por muito tempo contestada por sua novidade do que uma vontade da parte de Jerônimo de estabelecer um texto normativo. Ele próprio designa por *vulgata* a ou as traduções latinas anteriores a ele, que julga inexatas. Antes de se tornar a tradução “corrente”, a sua aparecerá como tradução nova e, por isso mesmo, suspeita, inclusive aos olhos de alguém como santo Agostinho, que mal a utilizará<sup>24</sup>.

Segundo Alexander Fischer, a maioria dos livros do *Antigo Testamento* que hoje estão na *Vulgata* foi traduzida por Jerônimo<sup>25</sup>. Contudo, não foi por ele que o autor cristão iniciou esse grandioso trabalho quando Dâmaso lhe requereu uma nova versão de textos bíblicos. O início da revisão dos textos deu-se com os *Evangelhos*, em 383, depois, Jerônimo revisou os *Salmos*, que foram examinados e corrigidos “apenas superficialmente”, conforme ele mesmo atesta no prefácio aos *Salmos*<sup>26</sup>, a partir da *Septuaginta*. Mais tarde, quando estava já na Palestina, ele ocupou-se novamente com os *Salmos*, agora utilizando a *Hexapla*<sup>27</sup> de Orígenes, que estava em Cesareia. “Tudo que Jerônimo fez foi disponibilizar um texto melhorado dos Salmos da Latina Antiga com base na recensão hexaplárica de Orígenes”<sup>28</sup>. O autor prossegue a sua análise, explicando a inserção e preservação de tal texto na *Vulgata*:

Por mais que essa tradução [dos Salmos] não tenha sido feita diretamente do hebraico, em caráter excepcional ela integra o texto oficial da Vulgata, e isto pela seguinte razão histórica: no contexto da reforma litúrgica carolínea, Alcuíno<sup>29</sup> (cerca de 730 a 804) decidiu incluir em sua Bíblia completa esse *Psalterium Gallicanum*, e não uma tradução dos Salmos feita do hebraico. Como essa edição da Bíblia feita por Alcuíno se tornou muito influente na Alta Idade Média e finalmente alcançou *status* normativo na Sorbonne através da Bíblia de Paris, essa forma ou versão do Saltério acabou se impondo e foi declarada de uso obrigatório no Concílio de Trento, em 1546. É provável que Jerônimo tenha feito uma recensão de todos os livros do Antigo Testamento, e não apenas dos Salmos, com base no texto hexaplárico da Septuaginta.

<sup>23</sup> ALAND, K.; ALAND, B. *O texto do Novo Testamento – Introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 195.

<sup>24</sup> DUVAL, Y. M. “Jerônimo e a ‘Vulgata’”. In: *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 108.

<sup>25</sup> FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 137.

<sup>26</sup> FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 137.

<sup>27</sup>A Hexapla é uma obra que contempla traduções do Antigo Testamento em hebraico e grego dispostas em seis colunas paralelas.

<sup>28</sup> FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 137.

<sup>29</sup>Alcuinus, monge da Nortúmbria nascido em 735 e falecido em 804 em Tours.

Há evidência de que pelo menos em Cântico dos Cânticos houve tal revisão, bem como em Jó [...] <sup>30</sup>.

Entretanto, por mais que Jerônimo tenha revisto textos do *Antigo Testamento* tendo como fundamento a *Hexapla* de Orígenes, não foi apenas esse o seu trabalho no que concerne ao *Antigo Testamento*. “Em termos da história do texto bíblico e da história da cultura, o grande feito de Jerônimo foi a tradução do *Antigo Testamento* a partir do texto hebraico, realizada no período que vai de 390 a 405 d.C.” <sup>31</sup>. Essa tradução

se orienta pela tradição, na medida em que, sempre que possível, esclarece o significado das frases a partir do texto da Septuaginta, mas que introduz modificações quando o texto hebraico diz algo diferente ou quando se faz necessária uma adequação em termos de um vocabulário mais contemporâneo <sup>32</sup>.

Enfatizando os *Salmos*, Duval defende que os que constam na *Vulgata* são a revisão da *Septuaginta*, e não a tradução a partir do hebraico - o “Saltério segundo o hebraico” – este nunca compôs a *Vulgata*. Além disso, os textos gregos que compõem a *Bíblia* da Igreja Católica atualmente <sup>33</sup> não foram revisados por Jerônimo, mas foram incorporados posteriormente à *Vulgata* <sup>34</sup>.

Em relação ao *Novo Testamento*, Kurt Aland e Barbara Aland defendem que Jerônimo se limitou a revisar o texto dos *Evangelhos* na *Latina Antiga*, trabalho concluído em 383.

Não se sabe quando o restante do Novo Testamento foi revisado e quem fez a revisão, mas o texto da Vulgata dessa parte do Novo Testamento (tudo, menos os Evangelhos) só começa a aparecer no início do quinto século, com Pelágio e seus seguidores. Além disso, no caso desses livros (Atos até Apocalipse), o trabalho de revisão foi feito com mais cuidado e de forma mais consistente do que a revisão dos Evangelhos feita por Jerônimo <sup>35</sup>.

Ainda a respeito do *Novo Testamento*, Duval esmiúça:

Esse aspecto estético entra, em parte, no primeiro trabalho de conjunto que Jerônimo, voltando do Oriente, onde encontrou várias versões gregas dos Evangelhos, empreende em Roma entre 382 e 384. A partir de um texto grego que ele considera ser o melhor e que, na época, era muito divulgado no Oriente, Jerônimo corrige a

---

<sup>30</sup> FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 137.

<sup>31</sup> FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 137.

<sup>32</sup> FISCHER, A. A. *O texto do Antigo Testamento. Edição reformulada da Introdução à Bíblia Hebraica de Ernest Würthwein*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 138.

<sup>33</sup> Trata-se de escritos que não pertenciam ao Tanakh, os quais foram produzidos posteriormente: Tobias, Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque, I Macabeus, II Macabeus, Adições a Daniel e a Ester.

<sup>34</sup> DUVAL, Y. M. “Jerônimo e a ‘Vulgata’”. In: *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 110-111.

<sup>35</sup> ALAND, K.; ALAND, B. *O texto do Novo Testamento – Introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 195.

tradução latina e sua fluidez, sem se obrigar a dar uma tradução totalmente nova. O tempo, mas também a prudência e o desejo de não colidir muito com os hábitos, incitam-no a não alterar profundamente o texto existente. Essa tradução é que foi admitida mais rápido no Ocidente. É também a única que lhe pertence no que se chama a Vulgata do Novo Testamento. A revisão das Epístolas de Paulo data sensivelmente da mesma época; ela talvez tenha sido elaborada no círculo de Jerônimo, mas não é obra sua, ao contrário do que se acreditou por muito tempo<sup>36</sup>.

Duval afirma também que Jerônimo não realizou todas as traduções com o mesmo cuidado. Alguns livros, como *Gênesis* e os *Profetas*, parecem ser mais relevantes a ele. Algumas encomendas lhe são feitas – e são efetuadas – em prazos curtíssimos.

A qualidade do trabalho é portanto desigual e a ordem dos livros está longe de ser respeitada. Todas as suas traduções serão um dia reunidas e acabarão constituindo uma edição singular, mas começaram circulando separadamente, à medida que eram feitas<sup>37</sup>.

A menção de Carlo Nardi abaixo junto ao que foi exposto até aqui pode ser interpretada como indicação da tradição e da inovação pertencentes ao trabalho de Jerônimo ao elaborar uma versão sua do *Antigo e Novo Testamento*:

Na obra de Jerônimo, portanto, uma certa liberdade interpretativa se vincula com o seu estilo de revisor bíblico: em relação a *Vetus Latina* ele parece ter permitido apenas as correções indispensáveis à compreensão, para deixar o resto inalterado, acordando o *favor iuris* à personalidade, com a forte sensibilidade jurídica que lhe é própria e humildade filológica na capacidade de ouvir os textos (tradução nossa)<sup>38</sup>.

Álvaro Cilleruelo resume magistralmente os apontamentos feitos, conforme o excerto a seguir:

[...] a Vulgata é também, na realidade, uma combinação heterogênea de livros com diferentes procedências. Neles, o papel desenvolvido por Jerônimo oscila em graus diferentes, desde a sua responsabilidade total como tradutor em alguns livros até a sua ausência de intervenção em outros. Ainda, nos casos em que o texto depende do trabalho de Jerônimo, os procedimentos que ele seguiu e a cronologia do seu trabalho são, de fato, muito diferentes. Realmente [...] na Vulgata há livros traduzidos por Jerônimo a partir do hebraico, há outros que ele retirou da *Vetus Latina* já traduzidos do grego e que apenas revisou à luz de outros manuscritos gregos, sem traduzi-los novamente. Outros, Jerônimo não só traduziu como também os adaptou e parafraseou, outros ainda tomou da *Vetus Latina*, já traduzidos do grego, que foram revisados com o mesmo procedimento por uma ou mais pessoas. Existem livros incluídos na Vulgata diretamente da *Vetus Latina* e, finalmente, alguns apresentam problemas especiais. Essas particularidades muitas vezes são erroneamente

---

<sup>36</sup> DUVAL, Y. M. “Jerônimo e a ‘Vulgata’”. In: *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 109-110.

<sup>37</sup> DUVAL, Y. M. “Jerônimo e a ‘Vulgata’”. In: *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 110-111.

<sup>38</sup> NARDI, C. “Ancora in compagnia di Girolamo: note sull’ambiente, i criteri e la fortuna della *Vulgata*”. *Vivens Homo*, 4. Città Nuova: Firenze, 1993, p. 137.

ignoradas sob a consideração capciosa da “versão jeronimiana”, aplicada de maneira generalizada a todo o conjunto da obra (tradução nossa)<sup>39</sup>.

Notamos, pois, a iniciativa árdua de Jerônimo ao empreender uma obra da magnitude do que viria a ser nomeado como a Vulgata. A tarefa, por parte do estridonense, foi realizada ao longo de muitos anos, com base em profundo conhecimento linguístico, cultural e exegético. Por outro lado, ele possuía variadas bases sobre as quais se apoiar para fazer uma nova versão – embora não completa – do Antigo e Novo Testamento: a Septuaginta, as versões de Áquila, Símaco e Teodocião, a *Vetus Latina*, a *Hexapla* e talvez outras.

### ALGUNS DESDOBRAMENTOS DA *VULGATA* DE JERÔNIMO

Segundo o prefácio à edição de 1969 da *Bíblia Vulgata*, sob o cuidado de Roger Gryson, ela, que normalmente se refere à *Bíblia* latina a qual é usada de forma ampla na igreja do Ocidente desde o sétimo século, não é resultado do trabalho de uma única pessoa nem de apenas um período histórico. A *Vulgata* é uma coleção de traduções que possuem diferenças na sua origem e na sua natureza. No *Antigo Testamento*, a maior parte dos livros foi traduzida do hebraico por Jerônimo; já nos *Salmos*, há um texto da *Vetus Latina* o qual foi corrigido por ele, para que concordasse com o texto grego da *Hexapla* de Orígenes. Além disso, alguns outros textos pertencem a *Vetus Latina* e não foram trabalhados por Jerônimo, como *Sabedoria*, *Eclesiástico*, *Baruque* e *Macabeus*. Quanto ao *Novo Testamento*, todos os livros têm um fundamento na *Vetus Latina*, contudo tal base foi revisada à luz do grego; o revisor dos *Evangelhos* foi Jerônimo, o revisor ou revisores dos outros livros não são conhecidos. “Portanto, a *Vulgata* é tudo menos uma unidade, e a única justificativa para que seja chamada de ‘*Vulgata* de Jerônimo’ (como muitas vezes se faz) é que ela resultou mais do trabalho de Jerônimo do que de qualquer outra pessoa”<sup>40</sup>.

O autor do prefácio continua a sua explicação a respeito da heterogeneidade da *Vulgata*, dizendo que o seu texto existe em um número muito alto de manuscritos e que as diferenças entre esses demonstram o que ocorre com o texto autêntico, que foi continuamente adaptado e revisado. A Itália, Espanha, Gália e Irlanda (nomes utilizados pelo autor) tinham as suas próprias recensões, as quais possuíam diversidades entre si. À época de Carlos Magno (768-800 d.C.), Teodolfo de Orleans realizou uma revisão, a qual está mantida em vários manuscritos. No entanto, a maioria dos

---

<sup>39</sup> CILLERUELO, Álvaro Cancela. *Vetus Latina e Vulgata: síntesis histórica y estado de la cuestión*. *Tempvs. Revista de actualización científica sobre el Mundo Clásico en España*, 51. Ediciones Clásicas S.A.: Madrid, 2022, p.9.

<sup>40</sup> GRYSON, R. “Prefácio”. *Bíblia Sacra. Iuxta Vulgatam Versionem*. Sociedade Bíblica do Brasil/Deutsche Bibelgesellschaft: 2007, p. 51.

manuscritos desse período preserva um texto conectado ao nome de Alcuíno, que teve forte influência sobre a história posterior da *Vulgata*. Um desenvolvimento do texto de Alcuíno funcionou como base para a *Bíblia* de Paris, do século XIII, e tal texto foi utilizado depois, quando apareceu a primeira *Bíblia* impressa. Posteriormente o mesmo texto surgiu com pequenas variações, em todas as edições impressas, incluindo a romana oficial, publicada em Roma pelo papa Clemente VIII, em 1592<sup>41</sup>.

A respeito dos livros do *Novo Testamento*, Gryson comenta que dos que não foram traduzidos por Jerônimo, o primeiro indício do texto que entraria na *Vulgata* consta em obras de Pelágio e seus seguidores, no início do século V. Em relação ao texto de *Baruque*, não existem indícios na forma com que ele aparece na *Vulgata* moderna, no período que precede Teodolfo (760-821 d.C.). Já quanto ao texto de *Sabedoria*, *Eclesiástico* e *Macabeus*, como é o seu formato atual, ele remonta à *Bíblia* latina completa mais antiga, o *Codex Amiatinus*<sup>42</sup>, copiado pouco depois de 700, no reino da Nortúmbria (atual norte da Inglaterra e sudeste da Escócia).

Sobre os *Salmos*, prossegue Gryson, existe uma dificuldade no que diz respeito à evidência dos manuscritos, que é conflitante. Até o tempo de Alcuíno, as *Bíblias* completas apresentavam o *Saltério* hebraico de Jerônimo como texto, tendo sido mantida esta prática em *Bíblias* espanholas por bastante tempo. Contudo, Alcuíno, como parte de suas reformas litúrgicas, colocou no lugar deste *Saltério* hebraico uma revisão de *Salmos* da *Vetus Latina*, que Jerônimo havia feito com base na *Hexapla*. Esse texto de *Salmos* era muito usado na Gália à época de Alcuíno, sendo por vezes nomeado como *Saltério* galicano. Com a grande influência desse personagem, tal texto se tornou o *Saltério* regular, o texto que consta em praticamente todos os manuscritos posteriores à *Vulgata*<sup>43</sup>.

Yves-Marie Duval expõe que, uma vez a *Vulgata* difundindo-se, o texto passa por muita corrupção material na própria transmissão. Com Cassiodoro (por volta de 550) apareceu o primeiro agrupamento dos textos traduzidos por Jerônimo, mas apenas como mais uma *Bíblia*. Ao longo dos

---

<sup>41</sup> GRYSO, R. “Prefácio”. *Bíblia Sacra. Iuxta Vulgatam Versionem*. Sociedade Bíblica do Brasil/Deutsche Bibelgesellschaft: 2007, p. 51.

<sup>42</sup> “O Codex Amiatinus era um antigo tesouro do mosteiro de San Salvatore, no monte Amiata, no sul da Toscana, de onde tirou seu nome. Está registrado na lista das relíquias da abadia, datada de 1036, que o descreve como sendo o Antigo e o Novo Testamento ‘escritos pela mão do abençoado Gregório’. Essa atribuição a São Gregório, o Grande (c.540-604), não era desarrazoada, uma vez que fora escrito em unciais italianizadas, muito parecidas com as do Livro dos Evangelhos de Santo Agostinho, e nunca se duvidou de que tinha sido feito na Itália. Ele abre com uma dedicatória de página inteira, na qual o livro é presenteado ao mosteiro do Salvador (*Salvator*) por um certo Pedro, abade dos lombardos, ‘dos mais distantes da Terra’. É um eco do texto de Deuteronômio 28,49 [...] O livro é o mais antigo manuscrito completo sobrevivente da Vulgata e ainda é a principal referência para o estabelecimento do texto da Bíblia latina.” (HAMEL, C. d. *Manuscritos notáveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, 72-73).

<sup>43</sup> GRYSO, R. “Prefácio”. *Bíblia Sacra. Iuxta Vulgatam Versionem*. Sociedade Bíblica do Brasil/Deutsche Bibelgesellschaft: 2007, p. 52.

séculos seguintes foram realizadas tentativas de volta ao texto de Jerônimo. Apenas no século XX houve o trabalho assíduo por parte de monges beneditinos para reunir os muitos manuscritos da *Vulgata* e reconstituir o texto jeronimiano<sup>44</sup>.

Por último, vale citar que o trabalho de tradução do estridonense atinge proporções que sobrepõem o seu texto. Matthew Kraus defende que a *Vulgata* fornece recursos importantes para analisar as técnicas de tradução em geral e interpretações exegéticas em particular<sup>45</sup>, provavelmente, entre outros fatores, por combinar as tradições latina, grega e hebraica na sua empreitada tradutória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comumente, quando falamos na *Vulgata*, pensamos imediatamente em Jerônimo. Este autor tardo-antigo de fato realizou um trabalho grandioso de análise, interpretação e tradução dos textos bíblicos, algo que influenciou obras posteriores, foi amplamente utilizado pela Igreja medieval e serviu de base para traduções gerais e bíblicas modernas. Todavia, tal esforço recebeu amparo de versões precedentes, em diferentes línguas e graus de erudição. Além disso, nos séculos seguintes à produção jeronimiana de uma nova versão dos textos sagrados judaico-cristãos, vários autores complementaram e/ou modificaram esse empreendimento, e todo esse processo é que se tornou conhecido como a *Vulgata*.

Portanto, não houve transmissão direta da obra de Jerônimo para os dias atuais. A *Vulgata* tal qual conhecemos não é resultado do trabalho apenas jeronimiano, mas foi uma iniciativa de séculos, desde antes dele. Iniciativa não combinada, mas espontânea, realizada por diferentes autores em distintas localidades. É necessário mais estudo e divulgação a respeito desse processo; no momento, porém, afirmamos que Jerônimo não é o único produtor da *Vulgata*, conquanto seja o maior destaque.

---

<sup>44</sup> DUVAL, Y. M. “Jerônimo e a ‘Vulgata’”. In: *História do cristianismo: para compreender melhor nosso tempo*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009, p. 111-112.

<sup>45</sup> KRAUS, Matthew A. *Jewish, christian and classical exegetical traditions in Jerome’s translation of the book of Exodus*. Leiden/Boston: Brill, 2017, p. 13.